

REGRA, BRITANNIA

Posted on 16. Dezember 2019

Boris Johnson vence as eleições na Grã-Bretanha e abre caminho para a política imperial.

Um comentário de Christiane Borowy.

Os EUA há muito que substituíram o antigo império britânico. Isso dói. Por que razão haveria também a UE de ser interessante para os governantes britânicos se é possível manter pelo menos um pouco do esplendor imperial ao apaziguar politicamente os EUA? Os principais meios de comunicação, principalmente em mãos transatlânticas, ajudaram fortemente e influenciaram a opinião pública para que finalmente o partido que melhor aplicasse a política imperial ganhasse.

Trump, como os principais meios de comunicação social no período que antecedeu as eleições, viu Boris Johnson como um "grande primeiro-ministro" e prometeu-lhe um novo acordo comercial com os EUA quando a Grã-Bretanha se retirou da UE. Ele é, evidentemente, um dos primeiros a felicitar depois das eleições e, tal como todos os felicitadores, de Macron a Merkel, é positivo quanto ao resultado das eleições. Mesmo que às vezes se afirme que as reações à eleição foram "divididas como nunca antes" e não corresponderam à retumbante vitória, isso é apenas um desperdício de mídia e de modo algum uma crítica à política imperial.

Pelo contrário: os meios de comunicação social e os políticos alemães quase não vêem qualquer problema na estreita relação da Grã-Bretanha com os EUA e, conseqüentemente, também na interferência dos EUA nas eleições, e tendem a atenuar a saída do Reino Unido da Comunidade Europeia como uma excêntrica peculiaridade britânica, que acima de tudo cria problemas organizacionais, porque a implementação pode agora parecer avançar rapidamente a partir do início de Janeiro de 2020.

Boris Johnson twitters após as primeiras previsões após a eleição "Vivemos na maior democracia do mundo" (1). Isto levanta a questão de saber onde é que o futuro primeiro-ministro da Grã-Bretanha realmente vive. Numa troca semanal com o seu monarca, ele pode explicar isso. Se uma monarquia constitucional deve ser a maior democracia do mundo, pode ser excitante. E aí nem sequer chegou à questão muito mais importante de saber se a democracia está realmente lá onde está escrita. O jornalista

Julian Assange, também conhecido como a "versão britânica de Guantanamo Bay" (3), preso na prisão britânica de Belmarsh e torturado de acordo com relatórios da ONU, terá sua própria perspectiva sobre isso.

Mas quem se importa com estas "pequenas coisas" quando o novo primeiro-ministro pode triunfar sobre o facto de ter sido eleito por uma grande maioria e de os conservadores passarem a deter a maioria dos lugares no parlamento? Quem se importa que os britânicos não queiram continuar a integrar-se na Comunidade Europeia, mas sim que queiram "grandes acordos de comércio livre" com os EUA?

"Tories" é o nome dado ao Partido Conservador na Grã-Bretanha. Raramente se diria "os conservadores" na Grã-Bretanha, e assim o termo suavizou um pouco o conservadorismo aspirado. A imprensa alemã também adota o termo. Conservador vem de conservare e significa preservar. Uma vez que a dimensão política do conservadorismo tem sido particularmente influenciado pela Grã-Bretanha desde o século 18, vale a pena dar uma olhada no que significa conservador em tudo. A Wikipédia tem muito a oferecer:

"No conservadorismo anglo-americano, por outro lado, o indivíduo desempenha um papel central, positivamente avaliado, que deve ser reforçada pela identidade nacional e símbolos nacionais através da expressão de valores e objetivos comuns. Em contraste, o Estado é visto negativamente como a personificação do poder anônimo e da falta de liberdade. A segurança aqui é o resultado da força individual e da assertividade; a responsabilidade individual e os princípios económicos privados estão positivamente ligados ao conservadorismo.

Jeremy Corbyn tem sido um espinho no lado do seu adversário político apenas com a sua defesa de uma retirada da OTAN e de uma política externa pacífica. O adversário confesso das armas nucleares, que foi um dos poucos a defender-se contra a guerra do Kosovo, que classificou como ilegal, não foi de modo algum autorizado a tornar-se primeiro-ministro. Afinal, as guerras são uma forma muito boa de ganhar dinheiro e de defender os princípios da iniciativa privada, como demonstra o aumento contínuo das despesas militares do Estado. A Grã-Bretanha está muito à frente com 50 mil milhões de dólares americanos (4). As críticas de

Corbyn a Israel e às suas políticas na Palestina não lhe trouxeram amigos, mas sim uma campanha clandestina de difamação mediática que tentou desacreditá-lo e ao Partido Trabalhista como anti-semita (5).

A perspectiva de uma quebra financeira levou Corbyn a exigir que ganhos econômicos excessivos fossem revertidos. Quanto à questão do clima, apelou às empresas para que dividissem o custo dos danos climáticos, e quanto à democracia, fez uma loucura total: percebeu que os cidadãos do Reino Unido não tinham a certeza de que era boa ideia a Grã-Bretanha não ser membro da UE e, por conseguinte, teve a ideia conservadora de perguntar à população num segundo referendo, o que foi completamente absurdo. Quando ele começou a colocar o Estado ao invés do setor privado em primeiro lugar em algumas áreas, como a saúde, o fogão conservador estava apagado.

Torna-se claro que não foi de modo algum uma pura "eleição Brexit", como os meios de comunicação frequentemente afirmam. Corbyn tomou medidas contra tudo o que é caro aos conservadores e aos políticos imperiais: Guerras ilegais, ou seja, guerras sem mandato da ONU, uma economia impiedosa que reforce o sector privado, bem como a política social e de saúde, até à rejeição da integração na Comunidade Europeia.

O The Guardian, quando se tornou uma ameaça para os conservadores, colocou Corbyn e o Partido Trabalhista em primeiro lugar de forma jornalística e retirou o clube de mídia por excelência: uma campanha anti-semita que tinha tudo isso - com o apoio de muitas celebridades, como o fundador da Wikipédia, Jimmy Wales (5).

A principal imprensa alemã também considerou os objectivos de Corbyn difíceis na sua fidelidade transatlântica e rapidamente concebeu um cenário mediático ameaçador. Por exemplo, a manchete do mundo era "Chefe dos Trabalhadores: o que ameaça os britânicos quando Jeremy Corbyn governa" e descreveu-o como "o líder da oposição mais impopular em décadas" (6). O Tagesschau já tinha fingido, no período que antecedeu as eleições, que não havia basicamente nenhum adversário real para Johnson e, portanto, uma alternativa política e que a única escolha era entre "peste e cólera" (7).

Agir como se tivesse sido uma eleição pura do Brexit é, no entanto, uma opinião barata. Mesmo depois da vitória eleitoral, continua a ser apenas uma questão de Brexit, que deverá ter lugar em Janeiro de 2020. Por exemplo, as manchetes do mundo "O caminho está livre para o Brexit". A Chanceler Angela Merkel, o centro das atenções dos meios de comunicação social, está agora a debater o Brexit na Cimeira da UE em Bruxelas. Mas as questões cruciais levantadas por Corbyn foram totalmente rejeitadas. Guerra, paz, economia, justiça social - tudo isso não é mais uma questão.

A triste conclusão: a interferência dos EUA na campanha eleitoral britânica foi eficaz e a opinião dos meios de comunicação social funcionou. Os britânicos, que segundo o hino citado no título (8) nunca serão escravos e não querem ser domados pelos tiranos, elegeram um governo que não só se escraviza aos interesses transatlânticos, como continuará a seguir uma política em que o homem e a natureza são explorados de forma a fazer frente à escravatura e à tirania.

Fontes:

1. <https://www.zeit.de/politik/ausland/2019-07/grossbritannien-usa-freihandelsabkommen-donald-trump-boris-johnson>
2. <https://m.faz.net/aktuell/politik/wahl-in-grossbritannien/wahl-in-grossbritannien-konservative-von-boris-johnson-erringen-absolute-mehrheit-16533265.html>
3. https://en.wikipedia.org/wiki/HM_Prison_Belmarsh
4. <https://www.siper.ch/frieden/infografiken/>
5. <https://www.nachdenkseiten.de/?p=56814>
6. <https://www.welt.de/politik/ausland/plus204206490/Labour-Chef-Was-den-Briten-droht-wenn-Jeremy-Corbyn-regiert.html>
7. <https://www.tagesschau.de/ausland/wahl-gb-1200-101.html>
8. https://de.wikipedia.org/wiki/Rule,_Britannia

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar.

+++

Referência da imagem: [Michael Tub](#) / Shutterstock

+++

KenFM se esforça para obter um amplo espectro de opiniões. Artigos de opinião e contribuições de convidados não precisam refletir o ponto de vista editorial.


+++

Gostas do nosso programa? Informações sobre opções de suporte podem ser encontradas aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora você também pode nos ajudar com Bitcoins.

 BitCoin Endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqNqSoW5TL1z1PZgZK